

ARQUEOLOGIA

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

UM MONUMENTO DE MONTEMOR-O-NOVO QUE É DE MÉRTOLA!

Está em Montemor-o-Novo, incrustada numa parede fronteira aos Paços do Concelho, uma placa de mármore branco de Estremoz/Vila Viçosa, com inscrição em latim. O seu texto e decoração têm merecido a maior atenção por parte dos investigadores em História Antiga, devido às questões que levantam, mormente no que se prende com a sua autenticidade. Já se apontaram as razões pró e contra e conhece-se o que de mais relevante se escreveu sobre o assunto.

UMA INSCRIÇÃO AUTÊNTICA
Houve oportunidade, em 2020, de se voltar a estudar o monumento e as dúvidas surgidas acabaram por ser solucionadas (1). Na verdade, teimara-se em interpretar a palavra latina 'Memoria' no seu sentido mais usual, de "memória", quando, na realidade, não passava de um nome de família, não muito comum, de facto, mas documentado na onomástica latina; assim, o monumento considera-se hoje autêntico, datável dos finais do século II da nossa era. A tradução da inscrição é a seguinte:

"Consagrado aos deuses Manes. A Memória Calquísia, filha de Gaio, duas vezes flamínica da província da Lusitânia, filha muito piedosa, e a Mária Sidónia, filha de Lúcio, neta muito amável, e a Apónio Lupiano, marido digno – monumento que a mísera mãe, Júnia Leónica, (mandou fazer) para os seus entes queridos e para si". Nos "quadros" laterais há uma inscrição posterior, presumivelmente do século V ou VI, cristã, plena de nexos e abreviaturas, como era de uso ao tempo, e que se leu assim: '[in] nomine d(omi)ni [hedera] / [fam] uli Christi / [Si]senandus / [et I] esabille / [f]ecerunt' – "Em nome do Senhor, os servos de Cristo Sisenando e Iesábile fizeram". É, pois, da mãe, Júnia Leónica, que parte, segundo o texto, a iniciativa de mandar erguer o jazigo – mais uma vez, o papel da mulher em evidência... – para ela e para os familiares, de que enumera os falecidos: a filha, Calquísia; a neta, Mária Sidónia; e o marido, Apónio Lupiano. Calquísia fora eleita por duas vezes flamínica, ou seja, sacerdotisa



encarregada de promover na província da Lusitânia o culto ao imperador. Dizia-se que o imperador romano tinha índole divina, uma forma de mais facilmente as suas ordens serem acatadas; e, a nível de províncias, colónias e municípios, os flâmines e as flamínicas eram os guardiões promotores desse culto! Estamos, pois, perante a epígrafe que estaria afixada sobre a entrada de um jazigo familiar que deveria ter impressionado pelas suas dimensões, havendo em conta a extensão do que nela estava escrito.

É DE MONTEMOR OU DE MÉRTOLA Mas... o monumento está em Montemor-o-Novo desde há séculos e como pode garantir-se que veio de Mértola? Foi essa a questão a que se procurou responder, compulsando a documentação antiga. Por ela se veio a saber que, no séc. XVII, o alcaide-mor da vila de Montemor, D. Martinho de Mascarenhas, proprietário da

Quinta da Amoreira da Torre, filho de D. João de Mascarenhas (5.º conde de Santa Cruz), fora "alcaide-mor dos castelos de Montemor, Grândola, Alcácer do Sal e Mértola, povoação donde trouxe, segundo informações tradicionais, as estátuas romanas que colocou no átrio do paço, além de outras pedras e inscrições antigas que existiram em igrejas da vila", escreve Túlio Espanca, no seu "Inventário Artístico de Portugal. VIII. Distrito de Évora" (Lisboa, 1975, p. 333). Em relação à placa, sabe-se que, com licença prioral, a mandou afixar na frontaria da hoje semidestruída igreja matriz de Nossa Senhora do Bispo.

Terá Túlio Espanca colhido a sua informação num curioso livro chamado "Europa Portuguesa", de Manuel de Faria e Sousa. Na parte IV, tomo III, cap. XI, da 2.ª edição (Lisboa, 1680), no n.º 26, p. 442 desse livro, se lê, a propósito de Montemor: "Cerca da própria vila está a quinta de Moreira, propriedade dos Mascarenhas,

Capitães dos Ginetes. Para ela fez um deles (que, tendo andado por Itália, conheceu a estima devida às antigas estátuas) trazer dez ou doze que estavam derramadas por aqueles montes, à Vila, para as colocar em curiosos e seguros pedestais. Faleceu ele antes de lhes dar esta vida e faleceram elas com a sua, porque, estando prostradas pelo chão aguardando aquele benefício, as apanharam os moradores de Montemor-o-Novo e, fazendo-as em pedaços, as converteram em gesso, para branquear a Capela de S. João de Deus, seu natural". Tem-se apontado a data de 1645 para a inclusão da epígrafe na parede da igreja matriz de Nossa Senhora do Bispo. É plausível, porque D. Martinho de Mascarenhas faleceu em 1650 e, se não lhe foi possível dar aconchego às estátuas, a colocação da placa terá logrado concretizar, "com licença prioral". E da matriz se levou para o local onde hoje está. O certo é que desde então não

há, por um lado, quem fale de Montemor-o-Novo e dos seus monumentos sem se referir à inscrição e, por outro, quem trate da Lusitânia romana, mormente dos seus cultos oficiais ou das suas personagens célebres, que omita a flamínica Calquísia.

UMA CASO PARADIGMÁTICO
O estudo desta epígrafe constitui, por conseguinte, mais um dos casos paradigmáticos a comprovar a premissa de que o mais importante, em muitas circunstâncias, é enunciar a questão corretamente, que de seguida a solução se torna mais fácil de encontrar. Além disso, poderá também aduzir-se como exemplo prático da aplicação do "axioma da navalha de Occam", segundo o qual "a explicação mais simples para um problema é normalmente a correta". A palavra 'Memoriae' assim colocada no princípio de uma epígrafe levava, naturalmente, a pensar nos outros muitos casos em que se pretendia, com ela, homenagear a memória de alguém mencionado a seguir no epitáfio. Mas faltava, por outro lado, estranhamente, o gentílico de 'Calchisia'; daí que a doutora Milagros Navarro se tenha interrogado: "Falta o gentílico? E se 'Memoria' for mesmo o gentílico?". E se bem o pensou melhor o confirmou, porque, de facto, esse gentílico existe. Muito simples, portanto – e a explicação mais simples resultou ser a mais correta.

Aliás, outro dado esteve latente e dele agora, mediante o natural recurso às informações mais antigas, se tomou clara consciência: a placa veio de Mértola! Doravante deverá ser incluída esta flamínica não no rol das flamínicas de Évora, como sistematicamente se tem feito, mas no quadro dos muitos monumentos romanos de Mértola. É, por conseguinte, a primeira flamínica atestada nessa 'civitas', o que confere a 'Myrtilis' uma importância ainda maior do que aquela que já lhe é atribuída como elo de ligação primacial entre o sul da Lusitânia e a África romana.

(1) Veja-se: <http://hdl.handle.net/10316/91119> e <http://hdl.handle.net/10316/92437>